



Data: 16.02.2011

Título: "A vida sintética vai ser o grande debate dos próximos anos"

Pub: NOTÍCIAS  MEDICAS


clipping
consultores

Tipo: Jornal Especializado Bissemanal

Secção: Nacional

Pág: 1;16

Prof. Alexandre Quintanilha

"A vida sintética vai ser o grande debate dos próximos anos"

Área: 681cm² / 33%

Tiragem: 15.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 3518179

5º CONGRESSO PORTUGUÊS DO AVC

Prof. Alexandre Quintanilha

"A vida sintética vai ser o grande debate dos próximos anos"

O Prof. Alexandre Quintanilha pensa que a vida sintética será o grande debate do futuro. Como orador convidado na sessão de abertura do 5º Congresso Português do AVC, o Professor Catedrático do ICBAS, Director do Centro de Citologia Experimental e Coordenador do Instituto de Biologia Molecular e Celular falou de melhoramento genético e confessou não perceber porque temos de ser escravos dos nossos genes

A biónica, a vida mais longa, a vida sintética e os medicamentos personalizados são "os grandes desafios actuais em relação à aplicação da ciência", afirmou o Prof. Alexandre Quintanilha.

Em relação à biónica, "há relatos extraordinários de pessoas que não viam e que, com eléctrodos na cabeça, passaram a ver alguma coisa ou de pessoas que, com eléctrodos na cabeça e membros artificiais, podem dar ordens mentais para se moverem".

Para aumentar a longevidade, há evidências de que "a restrição calórica aumenta o tempo de vida". Para os que não querem passar fome, estão a ser testadas várias drogas que prometem funcionar como verdadeiros elixires da eterna juventude.

"Há quem julgue que, em 150 anos, vamos aumentar mais 40 anos à vida das pessoas. Não sei se é verdade ou não. Não sei se há um limite. Mas certamente as células estaminais e a substituição de tecidos podem ajudar. Qualquer dia, mais de metade do que nós somos já não somos nós porque já substituímos o fígado, o coração, os pulmões, as artérias e por aí fora. Haverá um dia em que irão substituir o cérebro e aí eu começo a ter medo. Pode acontecer um dia, mais cedo ou mais tarde", admitiu.

O Professor acredita que "a vida sintética vai ser o grande debate dos próximos anos. No dia em que for possível, no laboratório, construir uma célula viva, vai mudar significativamente a forma como nós olhamos para a vida à nossa volta.

Já é possível fazer cromossomas sintéticos produzidos no laboratório e fazê-los funcionar em determinados microrganismos".

É verdade que "o melhoramento genético cheira logo a eugenia. A gente lembra-se logo dos alemães, mas não foram eles que a inventaram. A eugenia começou a estar na moda, primeiro em Inglaterra e depois nos Estados Unidos".

Para o cientista, a palavra eugenia "assusta, e com razão". Mas "nós já fazemos melhoramento genético ao escolhermos os nossos parceiros ou quando são os pais que escolhem os parceiros dos filhos.

Em Nova Iorque, havia pessoas da comunidade judaica que recomendavam fortemente que não se fizessem casamentos em que a doença de Tay-Sachs pudesse ser propagada".

Pessoalmente, confessou, "não percebo porque devemos ser escravos dos nossos genes. Quando há genes de que não gostamos ou que produzem doenças graves, impedimos que se propaguem. Se descobrirmos ge-

nes que dão vantagens, não sei como a sociedade irá reagir".

Americanos gastam mais em antidepressivos do que em detergentes

Até hoje, sublinhou o Prof. Quintanilha, o melhoramento humano deve-se a aspectos como a liberdade, a educação, a pílula, os esteróides e hormonas de crescimento, a reprodução medicamente assistida, o rastreio genético, a cirurgia plástica e até os controladores de humor. Todos estes são factores de "melhoramento aceites na nossa comunidade e em que se gastam rios de dinheiro".

"Os americanos gastam mais em antidepressivos do que em detergentes. Eles estão mais preocupados em limpar o interior do que o exterior. E nós para lá caminhamos. Eu conheço cada vez mais pessoas que tomam pastilhas para ficarem bem-dispostas, menos deprimidas ou menos ansiosas. Nos Estados Unidos, acho que todos os meus amigos tomam", revelou.

Mas os desafios que se colocam diferem muito consoante a região do Globo. Nos países desenvolvidos, os grandes desafios são as doenças relacionadas com o envelhecimento, as predisposições genéticas, a solidão, o stress e o excesso de comida, enquanto os países subdesenvolvidos se confrontam ainda com problemas de

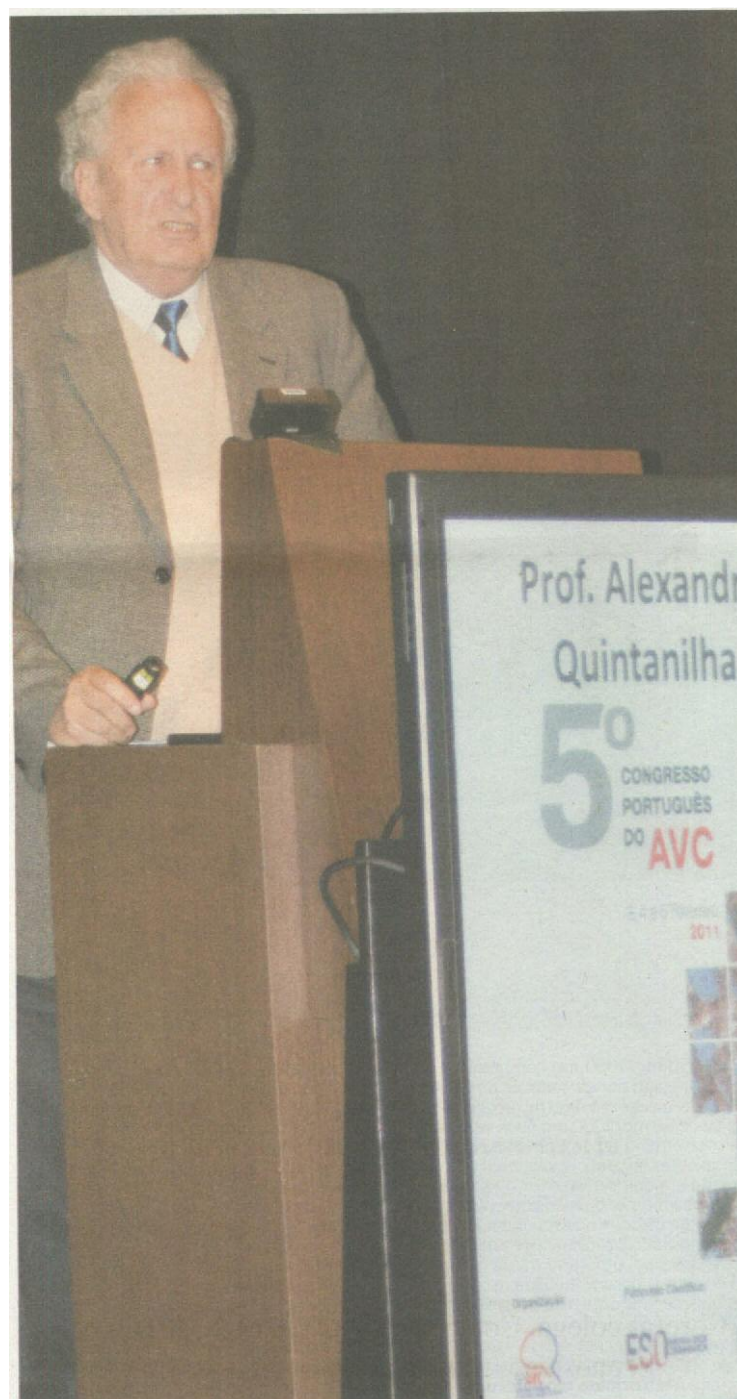
acesso à saúde e À educação, doenças infecciosas e pouca comida. **"Nós somos privilegiados"**, notou.

Por falar da fome, o Professor alertou: **"Há quem olhe para os organismos geneticamente modificados como um perigo para o Planeta, há outros que acham que os OGM vão resolver o problema da fome no mundo. Ambos estão a mentir. O problema da fome no mundo não tem nada a ver com falta de comida, mas com a distribuição. Por outro lado, dizer que os OGM são pe-**

rigosíssimos porque há genes dos peixes metidos nas couves é uma aldrabice total. Pelo menos metade dos nossos genes são exactamente iguais aos da couve".

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, as principais causas de anos de vida perdidos para o trabalho são, por ordem decrescente, a mal nutrição, a inatividade e a obesidade, o sexo não protegido e o tabaco. **"Curiosamente, nenhuma destas é resolvida com fármacos ou cirurgia. Tem a ver com escolhas que nós fazemos, se pudermos fazer essas escolhas"**, observou.

Em termos planetários, o Prof. Quintanilha considera fundamental que haja um compromisso para que a literacia na saúde seja melhorada. Além disso, entende que **"os educadores da saúde devem ter uma proeminência maior do que aqueles que tratam da doença"**. Finalmente, é preciso perceber que **"o melhoramento humano continuará a contribuir de forma muito significativa para o melhoramento da saúde"**. ■ C.A.





Data: 16.02.2011

Título: "A vida sintética vai ser o grande debate dos próximos anos"

Pub: NOTÍCIAS MEDICAS

clipping
consultores

Tipo: Jornal Especializado Bissemanal

Secção: Nacional

Pág: 1;16

*"Qualquer dia, mais
de metade do que
nós somos já não somos
nós porque já substituímos
o fígado, o coração,
os pulmões, as artérias
e por aí fora. Haverá
um dia em que irão
substituir o cérebro
e aí eu começo a ter medo.
Pode acontecer um dia,
mais cedo ou mais tarde"*

"Se não houvesse antibióticos, eu não estava cá"

Eu não estaria aqui se não houvesse antibióticos no ano em que nasci, em 1945", desabafou o Prof. Alexandre Quintanilha, a propósito das conquistas que a ciência proporcionou ao ser humano.

"Aos quatro meses de idade, os meus dois rins deixaram de funcionar e eu entrei em coma. Os meus pais levaram-me para Joanesburgo e os médicos disseram que não valia a pena, que eu não iria para sobreviver. Levaram-me então para Moçambique e um médico perguntou se podia experimentar coisas novas que estavam no mercado. Disseram que sim. O médico deu-me doses cavalares de tudo o que havia nas prateleiras e eu saí do coma e estou aqui hoje", contou. ■